



ISSN: 1984-6290

Qualis B1 - quadriênio 2017-2020 CAPES

DOI: 10-18264/REP

Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem

Manoel Messias Gomes

Professor

Introdução

Existem diversos fatores que podem interferir negativa ou positivamente no processo de aprendizagem do aluno. Entre eles, destacam-se aspectos ambientais, econômicos, sociais, afetivos, psicológicos, emocionais e familiares. Fatores como condições habitacionais, sanitárias, de higiene e de nutrição também são considerados determinantes para a aprendizagem do aluno na escola e fora dela. São condições fundamentais para que a criança tenha a sua saúde preservada e mantenha as condições físicas e psicológicas necessárias à aprendizagem. Condições habitacionais, como grande número de filhos, principalmente pela falta de planejamento familiar, interferem na concentração do aluno nas tarefas escolares que leva para casa ou até mesmo em estudar para as avaliações, deixando-o sem condições de executar tais tarefas, muitas vezes pelo barulho que a grande quantidade de pessoas faz, contribuindo para a limitação da sua aprendizagem. Fatores de higiene e nutrição são preponderantes; quando a família é numerosa e as condições financeiras não permitem que essas condições sejam satisfeitas, muitas vezes a criança vai para a escola sem a higiene necessária, o que pode, inclusive, torná-la objeto de discriminação pelos colegas e por funcionários e professores da escola.

O fator nutrição tem contribuído significativamente como limitante da aprendizagem, visto que uma criança ou adolescente bem alimentado tem condições de desenvolver aprendizagem significativa. O contrário se percebe quando as condições de nutrição são precárias, principalmente em uma família numerosa, em que o aluno sai de casa para a escola mal alimentado ou às vezes sem nenhuma alimentação, tendo na merenda escolar sua principal fonte de alimentação. Fatores como esses podem ser preponderantes para dificultar a aprendizagem do aluno.

Fatores sociais e econômicos

Quando as condições financeiras ou econômicas das famílias não permitem um maior cuidado ou zelo para com a criança, pode haver baixo rendimento escolar por falta de recursos que lhe proporcionem boa alimentação, boa vestimenta ou melhor qualidade de vida, de saúde, lazer etc. Isso inclui o meio no qual essa criança ou adolescente está inserido, pois comportamentos inadequados por parte de pais ou responsáveis, principalmente promiscuidade, prostituição, drogas na família, violência doméstica, desemprego e desestruturação familiar são fatores que interferem diretamente no comportamento da criança ou adolescente, contribuindo para dificultar sua aprendizagem. Fatores como desemprego ou subemprego dos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente têm elevado as estatísticas de evasão, desistência, repetência e reprovação escolar, causadas, na maioria das vezes, pelo fato de ele ter que trabalhar para ajudar no aumento da renda familiar, deixando de lado os estudos.

Tais fatores têm contribuído para o aumento dos índices brasileiros do trabalho infantil, como casos em que se pode observar, por exemplo, crianças e adolescentes da cidade de João Câmara/RN que estão perdendo as impressões digitais no trabalho de assar e quebrar castanhas. Nesse processo, a castanha solta um óleo que, para ser limpo, exige, além de água e sabão, água sanitária, o que faz com que a pele dos dedos se desprenda, deixando-os sem as impressões digitais, como mostrou um programa Globo Repórter de 2013. Além disso, há modalidades de trabalho infantil que são extremamente insalubres, como na roça, nas cerâmicas de tijolo ou nas feiras como carregadores. Tudo isso para ajudar nas despesas de casa, deixando de estudar, brincar, perdendo principalmente a condição e o direito de ser criança.

Fatores físicos e mentais

Os fatores físicos e mentais também são limitantes da aprendizagem do aluno, pois alunos com dificuldade de locomoção enfrentam mais dificuldades que alunos que não possuem essas limitações, principalmente quando as escolas não possuem condições de acessibilidade, como rampas para cadeirantes e banheiros adaptados, carteiras acessíveis etc. Quando os fatores são mentais, as dificuldades são muito maiores, visto que muitas escolas ainda não estão preparadas para receber essas crianças em suas salas de aulas regulares, devido principalmente à falta de professores e funcionários qualificados, o que, sem sombra de dúvida, torna-se fator limitante da aprendizagem, principalmente quando eles precisam de cuidados especiais por parte de professores e acompanhantes, tornando esse fator determinante para a aprendizagem de alunos com necessidades especiais, notadamente quando a escola ainda não está inserida na perspectiva inclusiva.

A atuação docente como fator determinante na aprendizagem

Outro fator que pode ser determinante para dificultar ou facilitar a aprendizagem do aluno diz respeito à atuação docente, que é percebida tanto na condução da aula como nas relações o professor com os alunos; esses dois eixos levam inevitavelmente a manifestações expressas ou reprimidas no aluno. De acordo com Mahoney (2000, p. 13 apud Segundo),

o professor e o aluno constituem um par unitário, indivisível quando analisamos o que ocorre em sala de aula. A aprendizagem é o resultado desse encontro. A pergunta a ser feita é: quais comportamentos ocorrem nesse encontro, em quais situações, para termos esse resultado?

Entre os fatores que podem facilitar a aprendizagem do aluno, de acordo com Thatiana Segundo, em sua dissertação de mestrado, *A afetividade no processo de ensino-aprendizagem: atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem* (PUC-SP, 2007), estão: propor aulas dinâmicas e descontraídas que despertem o interesse do aluno; tirar dúvidas do aluno; explicar quantas vezes forem necessárias para que haja entendimento por parte do aluno; propor exercícios que proporcionem o entendimento da matéria; estar aberto a perguntas; apresentar linguagem acessível ao aluno; permitir a participação do aluno; desenvolver aulas expositivas; fazer o aluno pensar e levar a sala de aula a constituir-se num grupo.

De acordo com essa professora, o bom professor é aquele que facilita a aprendizagem, é o que sabe conduzir a aula, o que para o aluno significa explicar bem, tornar a aula interessante, pelo uso de estratégias diferenciadas e atividades dinâmicas; dar mobilidade às aulas, propiciando a participação do aluno, realizando atividades em grupo, trazendo dados atuais relacionados ao conteúdo, propondo exercícios que propiciem o entendimento por parte do aluno, promovendo debates, gincanas, estudos do meio, encontros culturais, tornando o ato de aprender prazeroso por parte do aluno. Muitas experiências de natureza positiva não se restringem somente às relações interpessoais entre professor e aluno, de acordo com Thatiana Segundo (2007), mas “também pela forma como a política pedagógica é planejada e desenvolvida pelo professor”. Nesse sentido, nota-se a importância das decisões pedagógicas assumidas pelo professor desde seu planejamento; ensinar é um ato intencional, e para tal deve se considerar todos os fatores que possam auxiliar o processo ensino-aprendizagem, pois, conforme Leite (2006, p. 25 apud Segundo),

todas as decisões que facilitam o processo de aprendizagem pelo aluno certamente aumentam as possibilidades de que as relações que estão se constituindo entre eles e os referidos objetos de conhecimento sejam efetivamente positivas.

Percebe-se que essas estratégias de ensino adotadas pelo professor favorecem a aprendizagem, pois possibilitam maior envolvimento do aluno com o objeto do conhecimento. Ao planejar estratégias de ensino diferenciadas para o desenvolvimento do conteúdo, visando motivar e despertar o interesse do aluno, o professor incentiva a atitude positiva do aluno em sala de aula, valorizando a relação do aluno com o conhecimento.

A estrutura do trabalho docente tem por característica uma complexidade própria revelada, entre outras coisas, por relações que vão além do cotidiano da sala de aula. Para Tardif e Lassard (2007), no seu dia a dia profissional o professor tem que respeitar programas e finalidades escolares; assume diferentes papéis diante dos alunos, ora como agente moral, ora como responsável por sua instrução; seu trabalho se firma pelo tempo, pelo ritmo e pela dinâmica do sistema escolar.

De acordo com Cláudia Cibelly Alves Amorim e Ana Maria Lima Monteiro, em seu artigo *Resiliência: fatores que facilitam e dificultam o trabalho docente* (UFPE, s/d), a própria atividade dentro da sala de aula exige diversas habilidades, dentre as quais a de estar atento às especificidades de cada aluno ao mesmo tempo que atende o conjunto como um todo, seguindo padrões gerais. Para elas, além da habilidade mencionada, o professor precisa seguir regras institucionalizadas e burocratizadas impostas pelas relações de poder existentes dentro da organização escolar.

Segundo as autoras, a atividade do professor demanda, ao mesmo tempo, flexibilidade e equilíbrio, uma vez que suas interações com seus alunos têm influência direta das exigências do ambiente organizacional escolar. Além disso, há que se considerar, segundo Amorim e Monteiro, que a complexidade desse tipo de trabalho vem crescendo com o passar dos anos, devido ao aumento das influências organizacionais. De acordo com essa realidade, o docente apresenta comportamentos que podem indicar sujeição aos controles externos, levando-o muitas vezes a fechar-se em sua sala de aula e focar-se exclusivamente nas relações com os alunos. Tardif e Lassard (2007 apud Amorim; Monteiro) alertam para o perigo dessa postura, uma vez que ela pode propiciar um distanciamento de ações compartilhadas e solidárias entre os professores, limitando a ação profissional a um espaço sem poder político e simbólico sobre a organização escolar.

Ainda sobre a complexidade do exercício docente, Castro (2001) ressalta que o cotidiano escolar impõe ao professor um grande nível de exigências, que o impele a lidar com situações repletas de multidimensionalidade, simultaneidade, imprevisibilidade e imediaticidade de eventos e unicidade de respostas a inúmeras situações práticas, constituindo-se, portanto, num sério desafio (Castro, 2001). Além disso, segundo Amorim e Monteiro, o professor precisa atender a uma série de cobranças relacionadas ao novo contexto social, o qual exige desse docente estar atento às novas tecnologias, “a novas formas de relacionar-se, aos conhecimentos que se transformam a cada instante”. Dessa forma, ele precisa refletir sobre suas práticas e reconstruí-las, a fim de adaptar-se a essa realidade.

Diante disso, segundo Amorim e Monteiro, o docente pode vir a desenvolver sentimentos negativos como ansiedade, insegurança, medo de não conseguir alcançar seu objetivo, desejo de abandono, insatisfação, chegando, nos casos mais graves, à síndrome de Burnout.

No Brasil, a deterioração do trabalho escolar tem sido constante e crescente (Sampaio; Marin, 2004). Muitas vezes, a falta de estrutura física e a precarização de matérias não permitem ao docente executar suas atividades de forma satisfatória, causando situações indesejáveis, mal-estar, sentimento de impotência etc. Diante dessas cobranças, o professor se vê sozinho para dar conta de toda a diversidade e a imprevisibilidade existentes no cotidiano escolar, o que exige alto nível de criatividade, uma vez que precisa buscar maneiras de suprir as necessidades estruturais que o impedem de bom desempenho em sala de aula, muitas vezes levando-o a descontar no aluno suas angústias e frustrações, sem perceber o prejuízo que está causando, principalmente, na aprendizagem desse aluno.

Como se percebe, a falta de apoio influencia diretamente na condição do trabalho docente. Grande contingente de professores encontra-se desmotivado, sobrecarregado e com baixa autoestima por não ter as suas necessidades atendidas na situação de trabalho. Parece importante a existência de uma nova estrutura que dê os subsídios necessários para que ele possa desempenhar seu papel de educador com maior envolvimento e satisfação. Essa reestruturação, segundo Amorim e Monteiro, depende de uma iniciativa que parta de um contexto macro, com políticas educacionais que visem ao bem-estar do professor, contribuindo, dessa forma, para a criação de ambientes facilitadores que possam incentivar os professores a ter comportamentos mais sensíveis, mais democráticos e facilitadores da aprendizagem no cotidiano escolar.

Comportamentos facilitadores da aprendizagem

Ainda de acordo com Thatiana Segundo, os comportamentos do professor que facilitam a aprendizagem são: dirigir atenção ao aluno; preocupar-se com a aprendizagem do aluno; apoiar o aluno; ser exigente, porém humano; ser calmo e paciente; respeitar o ritmo do aluno; gostar do que faz; ser alegre e engraçado; estimular e elogiar o aluno; saber ouvir. Tudo isso mostra que a influência do relacionamento positivo entre professor e aluno em sala de aula demonstra que tão importante quanto planejar uma boa aula é o desenvolvimento dela, ou seja, a interação entre os sujeitos da aprendizagem – professor e aluno, pois a interação com o conhecimento depende também da qualidade das interações entre os sujeitos. O fato de o professor dirigir atenção ao aluno, demonstrando preocupação com sua aprendizagem, facilita o processo de aprendizagem e otimiza a aceitação do conteúdo por parte do aluno.

Leite (2006) evidencia a importância do papel do outro, nesse caso, o professor, para a constituição da autoestima do aluno, apresentando repercussões afetivas e cognitivas, uma vez que, para o autor, autoestima e desempenho alimentam-se mutuamente. Segundo esse autor,

as relações vivenciadas externamente repercutem internamente através de atos e pensamentos, emoção, sentimento e estados motivacionais, possibilitando, por exemplo, a constituição de sujeitos seguros (ou não), motivados para enfrentar novas situações, e, mesmo, superar desafios e eventuais fracassos (Leite, 2006, p. 40 apud Segundo).

Pois o fato de o professor gostar do que faz torna-o facilitador do processo de aprendizagem, porque o maior domínio do conteúdo (saber ensinar e “saber conduzir a aula”) é um aspecto importante no processo de ensino-aprendizagem. Almeida (2006a, p. 51 apud Segundo) diz que, “quando o aluno sente no professor a disponibilidade, o entusiasmo, a sinceridade, mostrando-lhe a beleza do processo de construção do saber, o aluno admira o professor por sua

competência”. Wallon, além de afirmar que a emoção é contagiosa, afirma que a razão tem origem na emoção. Nesse sentido, uma das tarefas do professor é motivar o aluno, despertar o seu interesse, emocioná-lo, afetá-lo para que o cognitivo flua.

A atuação docente que dificulta a aprendizagem do aluno

Para Thatiana Segundo, as formas de o professor conduzir a aula que dificultam a aprendizagem do aluno são: não ter clareza nas explicações; apresentar aulas monótonas; recusar-se a ensinar e falta de comprometimento; não reconhecer, não permitir a produção e a participação do aluno; não esclarecer as dúvidas dos alunos; não corrigir lições; apresentar uma linguagem inadequada e não ter clareza nas explicações. Tais práticas pedagógicas são ineficazes, são um grande obstáculo à aprendizagem do aluno. O fato de o professor não responder ou esclarecer as dúvidas levantadas pelos alunos é entendida eles como sinal de descaso para com eles e para com a sua aprendizagem. Tal falta de comprometimento provoca no aluno atitudes como falta de interesse e desestímulo para aprender.

Perrenoud (2004) diz que o professor precisa de capacitação para se tornar um tradutor do conhecimento e conseguir modificar constantemente sua maneira de explicar até que todos os alunos aprendam. Ao inibir a participação ou a produção/autoria do aluno, o professor conduz a aula como se fosse dele e para ele, perdendo a grande oportunidade de fazer com que o aluno se torne sujeito do processo de ensino-aprendizagem. O professor deve se colocar como mediador do conhecimento, ele o representa; nesse sentido, deve sair do lugar do conhecimento para que esse conhecimento possa circular entre todos – alunos e professores. Sobre o compromisso e a competência do professor, Almeida (2005, p. 81 apud Segundo) diz que,

na relação professor-aluno, é ele (o professor) que acaba selecionando entre os saberes e os materiais culturais disponíveis em dado momento, bem como tornando, ou não, esses saberes efetivamente transmissíveis; é ele que faz a aproximação do aluno com a cultura da sua época. Tanto a seleção de saberes como sua transposição didática aos alunos dependem do compromisso e da competência. [...] E quando o professor transmite uma informação está construindo a inteligência e desenvolvendo a personalidade de seu aluno.

Comportamentos do professor como não dar atenção ao aluno ou mostrar indiferença; ser injusto; ser impaciente ou intolerante; desrespeitar o aluno; ser agressivo; expor o aluno a situações vexatórias; não ter pulso, sendo permissivo com os alunos indisciplinados; não dialogar e elevar o tom de voz, tratando o aluno aos gritos são comportamentos que contribuem decisivamente para dificultar a aprendizagem. Um comportamento desrespeitoso com o aluno é extremamente prejudicial à sua autoestima, prejudicando, decisivamente o seu desempenho em sala de aula e, possivelmente, também na vida. A exposição do aluno, por parte do professor, é uma atitude tremendamente negativa, cria um clima desfavorável à aprendizagem dele, uma vez que cria uma barreira com a figura do professor e com o conhecimento que ele representa, destituindo-os de sua importância, considerando-se principalmente a fase do desenvolvimento cognitivo pela qual o aluno está passando, período em que a afetividade é exigida pelo aluno e o respeito às suas ideias e aceitação pelo grupo, aumentando, conseqüentemente, a distância entre o professor e o aluno, assim como entre o aluno e o objeto de conhecimento. Tudo isso talvez reflita o fato de muitos professores estarem insatisfeitos com a profissão e, por conseguinte, não gostarem do que fazem.

A dimensão cognitiva e afetiva da aprendizagem

No momento em que o professor se mostra intolerante e grosseiro, o aluno se sente ameaçado e pouco à vontade para aprender. Assim, o medo e a vergonha são elementos bloqueadores da aprendizagem à medida que, nesses momentos, a temperatura emocional, segundo Thatiana, se sobrepõe à cognitiva. Sobre a dimensão afetiva sobrepondo-se à cognitiva, Wallon (1995, p. 144 apud Segundo) diz que,

sempre que prevaleçam novas atitudes afectivas e a emoção correspondente, a imagem perderá sua prevalência, obinubilar-se-á, desaparecerá. É o efeito que se observa habitualmente no adulto: redução da emoção através do controle ou simples tradução intelectual dos seus motivos ou circunstâncias; derrota do raciocínio e das representações objectivas pela emoção.

Nesse sentido, percebe-se o quanto o emocional do professor pode propiciar ou prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, mostrando quão significativa é o fato de o professor conhecer as características da fase do desenvolvimento em que encontra o seu aluno, evitar o confronto e buscar positivar as interações entre eles e deles com o conhecimento, podendo inclusive produzir no aluno uma autoestima negativa expressa por sentimentos de inferioridade, refletindo inevitavelmente em sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, Galvão (2003, p. 85 apud Segundo) traz suas contribuições sobre o que chama de saber fazer docente:

o êxito de um professor na sala de aula depende, em grande parte, da atmosfera que cria. O conhecimento das funções, características e da dinâmica das emoções pode ser muito útil para que o educador entenda melhor as situações do cotidiano escolar, conseguindo melhor envolvimento dos alunos e com eles, estabelecendo um clima favorável de interações e conseqüentemente de aprendizagem.

Dessa forma, verifica-se que as dimensões emocionais e cognitivas exercem influência decisiva sobre a aprendizagem do aluno, sendo, portanto, indissociáveis do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Silvanília Maria da Silva Sousa, em seu artigo *Aprender – não aprender: os múltiplos fatores que interferem nesse processo*, a aprendizagem atinge todas as pessoas durante toda a vida, mas não é um processo simples. Não há unanimidade quanto aos aspectos considerados mais importantes no processo de aprendizagem, o que justifica a existência de várias teorias para explicá-lo. Apesar das peculiaridades que cada uma dessas teorias possui, existe uma unanimidade entre aquelas que estudam a motivação: o adulto e a criança necessitam ter interesse profundo – motivação – pela aprendizagem para que ela aconteça. De acordo com Pilleti (1999, p. 64 apud Sousa),

Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, quando está interessado em aprender certo assunto, em resolver um dado problema.

Percebe-se, no entanto, que a motivação é a válvula propulsora da aprendizagem. O indivíduo motivado reconhece a importância de aprender algo, sabe sua utilidade e finalidade; o indivíduo aprende com um objetivo. A motivação dá a ele a disposição de fazer-se participante e, portanto, coautor do seu processo de aprendizagem, pois tem a consciência de que essa aprendizagem irá satisfazer as suas necessidades, atuais ou futuras. Vigotsky (1984, p. 111) afirma que “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”.

Cabe ao educador a tarefa de procurar despertar no educando o interesse pelo assunto a ser estudado. Para que isso aconteça, o educador deve procurar adaptar-se ao educando, já que um mesmo assunto pode despertar diferentes interesses em virtude das experiências e vivências de cada um.

Considerações finais

Sabemos que a escola pública de nível fundamental e médio, em geral, apresenta deficiências. Tais carências passam pela má formação dos professores que nela atuam; pela falta de equipamentos adequados ao ensino, como bibliotecas e laboratórios; pelas más condições de trabalho; pelos baixos salários, que desestimulam os profissionais do ensino básico. Porém percebemos que, apesar de todas essas mazelas e deficiências, nos últimos anos a educação vem sendo vista como setor fundamental para o desenvolvimento do país e dos indivíduos. Entendemos que a realidade da educação no Brasil é considerada precária e que os governos, em todas as esferas, têm se negado a investir em uma educação de qualidade, principalmente na melhoria das condições de trabalho dos professores e também na sua qualificação, continuada ou permanente em serviço; dessa forma, o que se tem é uma educação de má qualidade, com docentes mal remunerados e alunos com defasagens nos conteúdos curriculares, defasagem de aprendizagem e a convivência do país com os altos índices de evasão, repetência e reprovação escolar. Porém, como educadores, principalmente da escola pública, temos de ter sempre presente que, depende única e exclusivamente de nós mesmos a competência para mudar todo esse cenário, para poder fazer a diferença, principalmente no que diz respeito a dar as devidas condições para que, apesar de todas as dificuldades, nossos alunos possam aprender com qualidade, de maneira significativa, contribuindo para que eles se tornem sujeitos do processo ensinar-aprender.

Referências

AMORIM, C. C. A; MONTEIRO, A. M. L. *Resiliência: fatores que facilitam e dificultam o trabalho docente*. UFPE. s/d.

CASTRO, M. A. C. D. de. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: TAVERES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 1989.

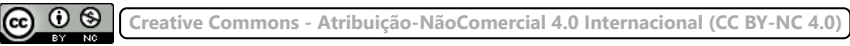
SEGUNDO, Thatiana. *Afetividade no processo de ensino-aprendizagem*. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC-SP. São Paulo, 2007.

SOUSA, Silvanília Maria da Silva. *Aprender – não aprender: os múltiplos fatores que interferem no processo*. UEG – UnU. São Luís de Montes Belos/MG.

TARDIF, M.; LASSARD, C. *Trabalho docente, o elemento para uma teoria da docência*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIGOTSKY, L. Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Publicado em 17 de julho de 2018



✉ Novidades por e-mail

Para receber nossas atualizações semanais, basta você se inscrever em nosso

✉ mailing

O que achou deste artigo?

 Agradável 18	 Útil 102	 Motivador 24	 Inovador 20	 Preocupante 8
---	---	---	--	--

Este artigo ainda não recebeu nenhum comentário

💬 Deixe seu comentário

Este artigo e os seus comentários não refletem necessariamente a opinião da revista Educação Pública ou da Fundação Cecierj.